

A PRODUÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS E CIENTÍFICOS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO DA UNICAMP (1974-1989)

Simone BORTOLIERO
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

O texto é parte de uma pesquisa realizada para dissertação de mestrado defendida em 1989 na Universidade Metodista de São Paulo, cujo objetivo foi identificar as centrais de produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras. Aborda, com enfoque especial, a trajetória histórica do Centro de Comunicação da Unicamp nos anos 80, órgão responsável pela produção de vídeos de destaque nacional como a identificação da ossada do nazista Joseph Mengele, a reconstituição do crime da Rua Cuba, o registro das vítimas do acidente nuclear de Goiânia e a reconstituição do crime do líder seringueiro Chico Mendes. A pesquisa trata de classificar os diferentes vídeos realizados naquele período e identifica aqueles com características de divulgação científica. Propõe uma reflexão sobre o vídeo como meio em si e questiona a atual corrida tecnológica nas instituições de ensino superior numa busca frenética pelo mundo digital.

Palavras-Chave: Vídeo de Divulgação Científica. Centro de Comunicação da Unicamp. Universidades Brasileiras.

ABSTRACT

The text is part of research done for a dissertation presented in 1989, at the Universidade Metodista de São Paulo and its cum was to identify the production centres of educational and scientific videos at Brazilian Universities. Its main focus is the historic development of Unicamp Communication Centre in the 80s. The Centre is responsible for the production of national representative videos, such as the identification of the bones of the Nazi Joseph Mengele, the representation of the crime of Rua Cuba, the register of the victims of Goiânia nuclear and the representation of the murder of the leader Chico Mendes. The research classifies the different videos of that period and identifies those that have characteristics for scientific publication. It proposes a reflection on the video as a means in itself and questions the present technological trend at the universities in their frenetic search for the digital world.

Key-Words: *Video of a Scientific publication. Unicamp Communication Centre. Brazilian Universities.*

O surgimento de tecnologias da informação num patamar planetário, como ocorre neste início de século, não inviabiliza as reflexões sobre o uso do vídeo nos diversos setores sociais, justamente porque as tais “técnicas velhas” tiveram e ainda têm um papel a desempenhar junto aos atores não hegemônicos (SANTOS, 2001). Nesta atual fase do capitalismo, presenciamos uma busca incessante e veloz pela modernidade tecnológica e, no caso do vídeo, temos uma corrida pelo aparato digital vindo tanto das instituições privadas e públicas, dos órgãos governamentais e Ongs, das universidades e escolas do ensino fundamental, quanto dos sindicatos e empresas. Há uma tendência generalizada no campo da produção de vídeos em impulsionar todos para uma corrida desenfreada a favor de todo e qualquer equipamento que permita a sintonia globalizada.

Analisando a evolução técnica e histórica do vídeo, verifica-se a presença sempre constante das grandes empresas eletrônicas, hoje empresas globais. As constantes inovações técnicas desde o final dos anos 50, no campo da reprodução de sons e imagens, têm na Ampex a origem do primeiro gravador de fita de vídeo utilizado pela BBC, na Inglaterra. Estava criado o padrão broadcast de transmissão. Em meados dos anos 60, as empresas japonesas como a Sony, Hitachi e Panasonic passaram a competir no mercado internacional, disputando de forma direta com

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

os EUA, principalmente quanto à fabricação de equipamentos eletrônicos e de comunicação.

O vídeo passava a ser aplicado nas transmissões de televisão (gravações de programas), no uso doméstico e pôde, finalmente, ser pensado como um meio em si. Como meio próprio, o vídeo passa a existir quando as câmeras e unidades de gravação portáteis o “libertam de sua subserviência em relação à televisão e ao sistema doméstico” (ARMES, 1999, p.139).

Sob a ótica das inovações, a década de 70 é decisiva, pois o vídeo passa a significar algo complexo e criativo. Surge o sistema U-matic da Sony e, posteriormente, o Betacam (década de 80), tornando-o um meio de gravação acessível e barato, se comparado ao cinema ou à fotografia. Mas é somente no final do século XX que ocorre a grande transformação com os sistemas de gravação e edição digitais, tornando o vídeo um meio apropriado economicamente e adaptado à velocidade da pós-modernidade. Entretanto, pouco estamos refletindo sobre sua forma criativa e sobre seu papel nos diferentes movimentos nacionais. Portanto, para avaliar as atuais formas de utilização, seu impacto na difusão de emissoras universitárias e a necessidade de pertencer ao mundo global, é fundamental uma retrospectiva histórica sobre o vídeo como meio criativo no espaço acadêmico das universidades brasileiras. Nesse espaço é solicitado constantemente o aumento da produtividade, o emprego de novas técnicas e materiais, pois é local de produção do conhecimento científico, mas também local de vaidades e conflitos, onde deveria estar se processando uma ciência e uma educação cidadã.

Temos quase 50 anos de evolução tecnológica no campo da imagem e do som. No Brasil, as diversas formas de aplicação do vídeo nos anos 80 modificaram nossas vidas, facilitaram discussões e debates sobre problemas nacionais, permitiram maior acesso à cultura popular, maior incentivo à produção independente, maior participação nas emissoras abertas, além de ter um papel decisivo quanto à democratização do saber científico, permitindo o acesso de um número maior de pessoas ao conhecimento.

A história mostra uma resistência inicial dos professores universitários quanto à utilização do vídeo na educação nos anos 70, mas também nos indica o quanto professores e pesquisadores foram co-produtores de vídeos educacionais e científicos na década seguinte. Essa década foi baseada no diálogo entre a comunidade universitária, jornalistas e produtores e foi marcada pelo sonho da aquisição de equipamentos no formato U-matic, VHS e S-VHS; pela corrida ao equipamento Betacam, pela tentativa frustrada em algumas instituições de implementação de políticas audiovisuais, pelo desejo de compra de equipamentos mais baratos, mais leves, compactos e de fácil manuseio. De acordo com

características regionais, a produção de vídeo nas universidades brasileiras colocou em discussão o papel da TV na sala de aula, a divulgação científica e intitucionalizou a “imagem” como uma forma eficaz de ensino não formal.

A produção de vídeo nessas instituições através de núcleos, centrais de produção, centros de comunicação, assessorias de imprensa e outros órgãos criados para executar projetos audiovisuais deu origem ao que conhecemos atualmente por canais universitários e TVs universitárias. Nesses órgãos se consolidaram profissionais/produtores de vídeo, formados quase que exclusivamente no “seio” da comunidade acadêmica.

Pesquisa realizada em 1999 pela Comissão do Sistema Integrado de Apoio ao Ensino (SIAE) da Universidade de São Paulo, coordenada por uma equipe de professores e alunos de pós-graduação, aponta o vídeo como a 3ª mídia mais utilizada na comunidade universitária, mesmo observada a carência de experimentação com novas linguagens. Segundo relatório técnico dessa comissão, na USP, a maioria dos trabalhos em vídeo possui ainda uma estrutura narrativa de formato tradicional com imagens ilustrando os processos descritos, animações e esquemas gráficos, entrevistas e locução em off ou por apresentador. Há uma inexistência de produções experimentais, havendo uma limitada exploração do que seria uma das principais vocações da produção universitária. Os vídeos realizados por núcleos de produção como VIDEOFAU, HU-SP e CCDC-S. Carlos possuem sinais de profissionalismo e são potencialmente dirigidos para públicos diversificados (SOUZA, 1999).

Contudo, a Universidade de São Paulo não foi destaque na produção de vídeos educacionais e científicos como a Universidade de Campinas nos anos 80. A década de 80 foi nitidamente marcada pela influência do Centro de Comunicação da Unicamp no panorama nacional, órgão responsável pela produção de vídeos educacionais, científicos e culturais. Seu acervo foi composto de mais de 500 títulos, entre 1974 (data de sua fundação) até 1989, período histórico da vida universitária e de acontecimentos relevantes para o cenário nacional como o caso Mengele, o acidente Nuclear de Goiania, o assassinato do seringueiro Chico Mendes e do avanço de técnicas cirúrgicas no país.

Esse período foi marcado por algumas reflexões profissionais sobre a relação entre entrevistador e entrevistado, na área do jornalismo científico, questões já discutidas por diferentes pesquisadores.

Comunicar é um ato de interação. Nos dez anos de dedicação à produção de vídeos educativos e científicos na Unicamp, diagnostiquei diferentes saberes envolvidos nessa relação. A questão era entender em que contexto os saberes transmitidos pelos programas foram construídos. A experiência do Centro de

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

Comunicação da Unicamp teve um papel fundamental para esclarecer as “nuances” que cercam o compromisso do cientista com as questões públicas. Merece ser repensada sob a ótica social e histórica da trajetória do uso do vídeo para a democratização do conhecimento científico.

Os aspectos positivos dessa experiência relatada somente no início deste século se deve ao fato de que professores da Unicamp, de diferentes áreas e institutos, tiveram um compromisso social ao produzirem vídeos de divulgação sobre suas pesquisas, ora como forma de prestar contas à sociedade, ora preocupados com a democratização do conhecimento, deixando de lado as vaidades e as “torres de marfim”. As entrevistas que buscam o diálogo geralmente ocorrem numa situação favorável de tempo para a produção. Isso foi condição importantíssima na garantia da qualidade da informação científica.

Devemos discutir em profundidade os espaços responsáveis pela construção dos “saberes experienciais”. E é no surgimento desses espaços que ocorrem os “pactos para a interlocução”. As demais questões são de natureza humana e por isso passíveis de mudanças constantes (BORTOLIERO, 1999).

A criação de órgãos de produção nas universidades permitiu mudanças de postura e mentalidade frente à divulgação científica no Brasil. As centrais de vídeos localizadas nos anos 80, num primeiro momento, nasceram com o objetivo de atender à comunidade acadêmica, sendo pequeno o número de produções veiculadas fora dos muros das instituições universitárias.

Entretanto, a experiência das universidades com a utilização de vídeos já é mais antiga. Em 1969, acontecia a primeira transmissão de cursos regulares por TV na Universidade de São Paulo, com um videotape da primeira aula inaugural de Psicologia Educacional do curso de Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era a proposta de uma TV educativa, de atuação limitada à USP que servia como recurso auxiliar de ensino. Anos depois foi transformada em uma estação laboratório do curso de TV da Escola de Comunicações Culturais, atual ECA-USP. O mesmo tipo de experiência foi vivenciada pela Universidade Federal de Pernambuco, com a TV-U. Entre as centrais de produção mais antiga está o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, criado em 1973 para atender a área de Ciências da Saúde, financiada por organismos internacionais como a OMS - Organização Mundial da Saúde e OPAS - Organização Panamericana de Saúde.

Naquele período, as principais dificuldades já eram relacionadas com a falta de equipamentos, que eram importados; escassos recursos financeiros e pouco investimento em recursos humanos. A criação e implementação de atividades audiovisuais nas universidades brasileiras tiveram início na década de 70, embora

o surgimento de várias TVs educativas tenha se dado na década anterior. Outras instituições seguiram diferentes caminhos, criando estruturas internas, muitas vezes ligadas a departamentos ou institutos, responsáveis pela produção de material audiovisual com caráter educacional e científico.

Mas foi somente nos anos 80 que outras universidades implementaram setores audiovisuais para atender à comunidade acadêmica, fornecendo condições e infra-estrutura para que professores e alunos pudessem se utilizar da fotografia, do cinema e da televisão. A história de várias centrais de produção é semelhante, como o Centro de Recursos Audiovisuais da Universidade Estadual de Londrina, o Centro de Tecnologia Educacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Centro Audiovisual da Universidade Federal de Minas Gerais e o Núcleo de Televisão e Rádio da Universidade Federal de Pernambuco, quanto ao formato de fitas U-matic, presença de pessoal qualificado para o trabalho e serviços prestados à comunidade acadêmica. O caso de Pernambuco é diferente, pois trata-se da primeira televisão educativa do Brasil, canal 11, instalada em 22 de novembro de 1968 com a finalidade de ampliar os horizontes da educação, da arte e da cultura pernambucana e nordestina.

Até o final dos anos 80, havíamos identificado um total de vinte centrais de produção de vídeos nas Universidades, entre as 80 universidades filiadas ao CRUB- Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, concentradas nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Em sua maioria, ligadas às reitorias, departamentos ou institutos e com relativa autonomia no trabalho diário. A produção externa só ocorria através de convênios via instituições interessadas, sendo que o público desses trabalhos era altamente especializado. Geralmente, os programas produzidos circulavam em salas de aulas, em seminários e congressos de especialistas. Havia falta de catálogos, com sinopses, falta de intercâmbio dessas produções e, em muitos casos, uma duplicação de esforços quanto a programas bastante semelhantes. Um aspecto relevante foi identificar a presença do espírito de equipe nos trabalhos realizados, com participação ativa de professores, cientistas, técnicos, jornalistas e outros.

Na Região Sudeste se concentravam as mais bem equipadas centrais de produção de vídeo entre as universidades brasileiras, como a Escola de Comunicações e Artes da USP, a Vice Reitoria Comunitária da PUC do Rio de Janeiro, o Setor de Audiovisual do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde – NUTES – da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Centro de Tecnologia Educacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Laboratório de Aprendizagem da Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Pedagógico – LAUFES, o Centro Audiovisual da Universidade Federal de Minas Gerais e o Centro de Comunicação da UNICAMP. No sul, foram localizados o Núcleo

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

de Produção Audiovisual da Universidade de Caxias do Sul- UCSVídeo, o Núcleo de Recursos Audiovisuais da Fundação Universidade Estadual de Maringá (PR), o VIDEOPUC da Faculdade de Educação da PUC /RGS , o Setor de Audiovisual da Biblioteca Central da Fundação Universidade Regional de Blumenau(SC), o Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Estadual de Londrina (PR), o Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná(PR) e o Centro de Recursos Audiovisuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Na Região Nordeste, estavam o Núcleo de Televisão e Rádio da Universidade Federal de Pernambuco, o Setor de Produção e Distribuição de Vídeo-Tapes Didáticos da Universidade de Fortaleza (CE), a Coordenação Técnica e Operacional de Recursos Audiovisuais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (BA). Já nas regiões Norte e Centro Oeste, não foi localizada nenhuma central ou órgão de produção de vídeos nas universidades. Havia ainda uma forma embrionária de organização em três locais distintos como: Departamento de Comunicação Social do Amazonas(AM), Sistema de Videocassete da Universidade Federal de Viçosa e Assessoria de Comunicação e Cultura da Universidade Estadual Paulista (SP).

O trabalho teve início em 1988 e visava identificar as centrais, os tipos de vídeos produzidos (técnico-científico, de divulgação científica, didático, video-arte, documentários), tendo sido os dados analisados em 1989, após a realização de entrevistas “in loco”. Esse levantamento só foi possível graças ao envio de um questionário para as reitorias das universidades.

Todo o trabalho realizado nesses locais mereceu da comunidade acadêmica um reconhecimento e, como consequência, houve maior investimento em recursos humanos e compra de equipamentos. Porém, o ritmo dos avanços tecnológicos impossibilitou e até hoje inviabiliza um padrão de qualidade compatível com o mercado nacional.

Os formatos Umatic e VHS foram utilizados pela maioria das instituições de ensino. Porém, sempre com um agravante: o formato utilizado nas gravações, bem como o padrão de cor, às vezes era incompatível com o produto final.

Mas de que forma o vídeo contribuiu com a Unicamp? Fazemos um breve resumo histórico para entender a situação atual. As primeiras experiências com a utilização do vídeo na Unicamp estão ligadas à educação e começaram com um pequeno grupo de professores, estudantes e administradores do Instituto de Matemática da própria universidade, em 1974. Foram produzidos vários cursos na área de álgebra, geometria e cálculo, dando início à montagem de um acervo em Matemática e Ciências da Computação.

Em 1977, o grupo de TV, formado no Instituto de Matemática, organizou o 1º simpósio de TV e educação e outros métodos audiovisuais que reuniu

representantes e institutos da Unicamp, interessados no uso do vídeo no ensino. A soma dessas experiências levou o diretor do Instituto de Matemática e Ciência da Computação, Ubiratan D'Ambrósio, a criar, em 1978, o Laboratório Interdisciplinar para Melhoria do Ensino e Currículo – LIMEC. As instalações foram adaptadas, surgindo salas de aula para circuito fechado, estúdio para gravações e houve compra de equipamentos que incluíam uma ilha de edição e câmeras coloridas, além da contratação de pessoal. Assim, a Unicamp, pela Matemática, iniciava suas experiências com produção de vídeo. Mas o LIMEC definiu seu caráter interdisciplinar e passou a produzir programas sobre diagnóstico e técnicas cirúrgicas, documentação de pacientes com esquizofrenia, casos de odontologia e biologia. Mais tarde somaram-se ao acervo programas de anatomia e parasitologia.

Entre 1978 a 1982, o LIMEC atendeu um maior número de departamentos e institutos, produzindo quase que exclusivamente para a área de medicina com gravações de cirurgias em ginecologia e urologia.

No final de 1982, passa a ser ligado à reitoria da Unicamp, quando o então reitor José Aristodemo Pinotti o transformou em Laboratório Interdisciplinar para Melhoria da Comunicação. Seu objetivo principal: atender à comunidade pela prestação de serviços em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O reconhecimento da comunidade acadêmica da Unicamp favoreceu e incentivou a redação de um projeto mais elaborado que especificou outras áreas de atuação do LIMEC, enfocando aspectos ligados à produção de programas relacionados ao ensino e à pesquisa, a produção e à veiculação, junto à comunidade, de documentários relacionados às atividades da Unicamp, intercâmbio entre as Universidades e a comunidade, pela disseminação de materiais produzidos pelo LIMEC e a produção de programas de treinamento para dentro e fora da Universidade. Essa iniciativa favoreceu a criação do Centro de Comunicação da Unicamp – o CCU, em 1985, com a finalidade de desenvolver e utilizar na Universidade uma metodologia de comunicação, visando à melhoria do ensino, da pesquisa e da extensão, juntamente proporcionando um treinamento de recursos humanos na área de Comunicação para o Ensino. A simples aquisição, pela Universidade, de equipamentos sofisticados não contribuiria por si só para a concretização de produções universitárias. O investimento na formação de recursos humanos foi o caminho que proporcionou o incentivo à produção audiovisual.

Em meados dos anos 80, o CCU atingiu seu apogeu. Houve intercâmbio maior entre a Universidade e a comunidade, na medida em que muitos convênios foram assinados. Assim, foram firmados convênios com secretarias municipais (educação, saúde), órgãos estaduais como o DAAE – Departamento de Águas e

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

Energia Elétrica do estado de São Paulo, órgãos federais como o Ministério da Educação e Cultura e antigo Ministério da Reforma Agrária, instituições de pesquisa como a CAPES, Projeto PAPPS - Programa de Apoio aos Profissionais da Saúde.

Uma das características peculiares do CCU foi o elo dos produtores/jornalistas com os solicitantes de vídeos: médicos, físicos, químicos, engenheiros, artistas plásticos, educadores, músicos que aprenderam a manusear equipamentos e a participar ativamente de todas as etapas de produção, desde o roteiro, gravação e edição final dos programas. Os especialistas passaram a ser consultores científicos.

Em questões técnicas, o CCU sempre se superou. Na área de medicina, por exemplo, desenvolveu-se uma metodologia para gravação de cirurgias em diferentes especialidades. A intenção na edição desses programas foi mostrar aspectos relacionados ao uso de determinado instrumento cirúrgico, as novas técnicas cirúrgicas adotadas pelas equipes médicas da Unicamp.

Os vídeos do Centro de Comunicação da Unicamp, nos anos 80, podem ser classificados em vídeo registro, pesquisa, institucional, artes, técnico, didático e de divulgação científica. Os registros são programas relacionados com as atividades acadêmicas, científicas e culturais da vida universitária. É a própria preservação da memória e da história da Unicamp, relacionada com a visita de personalidades nacionais e internacionais, assinatura de convênios, construção de unidades e departamentos, encontros e congressos de especialistas e profissionais de várias áreas, reuniões do Conselho Universitário, debates, entrega de títulos e homenagens. Nesse tipo de trabalho não houve a solicitação da edição dos programas, cabendo à equipe autonomia e iniciativa para a edição. Esses programas não têm objetivos de exibição e foram arquivados como banco de imagens e de registro da história da universidade. Foram gravados no formato VHS e U-matic.

Os trabalhos classificados em pesquisa são programas relacionados com projetos específicos de alguns pesquisadores da Unicamp. Nasceram, nesse período, o projeto "Câmera na mão do pesquisador", que colocou à disposição do usuário vários equipamentos de vídeo para serem usados como forma de documentação de pesquisas realizadas nos laboratórios e no campo. Esses trabalhos documentam a pesquisa acadêmica, podendo servir como divulgação intra-pares. Exemplos desse tipo de vídeo podem ser encontrados em "Comportamento dos beija-flores", o modo de vida das aranhas, temas relacionados em sua essência a dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Em institucionais encontram-se programas relacionados diretamente com a divulgação dos cursos de graduação, com os projetos de extensão e com a própria universidade, enquanto instituição. Esses vídeos retratam os inúmeros

serviços prestados pela Universidade e vão desde a utilização de uma biblioteca, o atendimento do Hospital de Clínicas, aos cursos oferecidos pela Universidade.

Em artes, temos vídeos ligados ao teatro, dança, música e artes plásticas. São exposições de pintura, fotografia, esculturas, construção de monumentos e painéis artísticos, apresentação de peças, happenings de alunos e performances. Exemplos desses programas são o “Monumento Casa das Andorinhas”, da artista plástica Akiko Fujita e MOCO – Mostra de Composição dos alunos de música, dirigidos para diferentes públicos.

Nos estudos realizados para esta pesquisa, 49,8% dos vídeos produzidos na Unicamp, nos anos 80, estão concentrados na área de Humanas. Aproximadamente 24% são produções de eventos culturais, científicos e visitas de personalidades nacionais e internacionais. Os registros históricos foram sempre solicitados por diferentes setores da universidade e, guardados na íntegra, seu destino foi o arquivo de fitas do Centro de Comunicação. Somente em 1984, com a contratação de uma equipe de jornalistas, adotou-se uma prática de cobertura dos acontecimentos da Unicamp semelhante às utilizadas atualmente pelas emissoras de TV, introduzindo técnicas de entrevistas e reportagens em pequenos boletins informativos.

A Antropologia merece destaque na área de Humanas, pois produziu 17 programas relacionados ao Projeto “História da Antropologia no Brasil”, cujo objetivo foi documentar os depoimentos de antropólogos nacionais envolvidos em pesquisas ligadas a grupos indígenas e problemas raciais. Desse período datam, também, os vídeos que documentam as pesquisas em cavernas em São Raimundo Nonato (PI), missão franco-brasileira que revolucionou os estudos sobre o aparecimento do Homem no continente americano. Para as gravações em cavernas, o CCU desenvolveu o “Galileo”, uma câmera de controle à distância usada para procurar restos arqueológicos em cavernas cujo acesso humano era impossível. O equipamento tinha autonomia para 300 metros e contribuiu efetivamente para a descoberta de novos achados arqueológicos.

Já os vídeos técnicos estão relacionados às novas tecnologias nas áreas de Exatas e Biológicas e dirigidos a públicos altamente especializados. São técnicas cirúrgicas em diversas especializações da medicina, como correção do trato urinário, retirada de cálculos renais com laser, reconstrução de mama após retirada de tumor cancerígeno, atendimento em parto de cócoras. Um bom exemplo desse tipo de vídeo são programas feitos para o Departamento de Medicina Legal, em casos como apresentação de lesões causadas nas vítimas de acidente nuclear de Goiânia, com exumação dos corpos e reconstituição da ossada do carrasco nazista Joseph Mengele.

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

Na área de Biológicas concentram-se 33,2% dos vídeos produzidos na Unicamp nesse período. E é a Faculdade de Medicina a grande responsável pelo maior número de vídeos produzidos, como cirurgias crânio-faciais para correção de defeitos na face, exames de especialização para a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), utilização de recursos óticos que auxiliam pessoas portadoras de visão subnormal, cirurgias de catarata, exames de prevenção de câncer de mama, vídeos institucionais sobre a Faculdade de Ciências Médicas e os serviços ligados ao Hospital Universitário. Dentro da medicina, o campo de especialização que mais se utilizou do vídeo foi a urologia. São cirurgias sobre correção de problemas urinários, retirada de cálculo renal, retirada de tumores, problemas relacionados à impotência sexual e infertilidade.

O Centro de Comunicação desenvolveu para a gravação de cirurgias um equipamento conhecido como “Grua”, considerada uma extensão do braço humano. A vantagem desse equipamento é que a câmera, acoplada na extremidade da “grua”, não atrapalhava o campo cirúrgico e o seu posicionamento acima da cabeça garantia o mesmo ângulo de visão do cirurgião. O controle era feito pelo operador que manejava os movimentos da câmera a partir de um monitor instalado na parte inferior do equipamento.

No noticiário nacional, a Unicamp ganhou destaque com o papel desempenhado pelo Departamento de Medicina Legal. Foram realizados oito programas e divulgados para a imprensa nacional sobre acontecimentos que abalaram os anos 80, como a reconstituição da ossada do nazista Joseph Mengele, exumação de Alfredo Buzaid Jr, reconstituição do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes com posterior exumação, reconstituição do crime da Rua Cuba e reconstituição do acidente nuclear de Goiânia.

Em último lugar, está o campo das Exatas com aproximadamente 17% das produções, geralmente as mais antigas da Unicamp, no qual a Matemática ocupou quase 10,53% dos trabalhos. Na área de Exatas encontram-se programas relacionados com alternativas energéticas (energia solar), com alternativas habitacionais, com a utilização de fibras óticas, laser, maçarico de plasma e dispositivos eletrônicos. Nos vídeos didáticos temos programas relacionados à sala de aula com objetivos claros de “ensinar algo a alguém”. Os conteúdos reforçam um conhecimento adquirido já em sala de aula com a presença do professor, como tópicos de cursos de Matemática, explicação sobre o aparelho respiratório e auditivo, anatomia bucal para alunos de odontologia e outros.

Já no campo da divulgação científica, a pesquisa científica em vídeo ainda estava restrita à veiculação em congressos acadêmicos. Porém, dentro do que atualmente discutimos como divulgação científica, temos experiências bem

sucedidas nos anos 80 na Unicamp, como o trabalho realizado junto à Secretaria Municipal de Saúde de Campinas sobre proliferação de micróbios em carnes, aves e peixes em péssimas condições de refrigeração, veiculado nos acougues da cidade. Tivemos temas relacionados à importância da doação de órgãos, prevenção da Aids, documentário sobre a trajetória do Cometa Halley, biotecnologia, processamento do abacaxi em calda no campo da engenharia de alimentos, entre outros.

Entre 1983 a 1988, o Centro de Comunicação da Unicamp realizou em média 30 programas anuais, num total de 494 entre vídeos educacionais, científicos e de registro. Mas foi no campo das relações profissionais entre jornalistas e cientistas que o Centro de Comunicação da Unicamp conquistou prestígio e notoriedade. Os conflitos nesse tipo de “encontro” geralmente são temas de artigos e de trabalhos apresentados no GT de Comunicação Científica e Ambiental dos últimos congressos de Comunicação/Intercom. Mas foi justamente a liberdade de produzir em equipe juntamente com a colaboração de pesquisadores que tornou o Centro de Comunicação, até os anos 90, o maior centro de produção de vídeos entre as universidades brasileiras.

Até a década de 90, tivemos várias centrais de produção de vídeos com caráter educacional e científico entre as universidades públicas. Algumas com infra-estrutura suficiente para a produção de vídeos no campo da divulgação científica, mas a maioria realizou trabalhos intra-pares, também importantes, dada a complexidade de seus públicos, altamente especializados. Mas toda essa produção continua a atingir um determinado público em detrimento da maioria que ainda continua fora das universidades.

As centrais, diagnosticadas até final dos anos 80, tomaram novos rumos no final do século XX. Em primeiro lugar, passaram por mudanças na orientação de políticas sobre o uso do vídeo nas universidades. No caso da Unicamp tivemos linhas diferentes de atuação a cada mudança administrativa. Cada administração impõe visões específicas na condução dessas centrais. Dessa forma, durante a gestão de José Aristodemo Pinotti (1983-86) na reitoria da Unicamp, tivemos um aumento nos programas da área médica e foi nesse período que ocorreu a institucionalização do setor, desligando-o da administração da universidade e tornando-o órgão autônomo. Já a “era” do reitor Paulo Renato Costa Souza (1987-90) foi marcada pelos registros videográficos de debates econômicos na universidade. Houve investimento na construção de local apropriado e a aquisição de novos equipamentos. Mas a administração posterior, de 1991 até 1994, teve nas manifestações artísticas sua prioridade, restando ao CCU atender aos pedidos do novo curso de mestrado em Multimeios.

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

Essas visões políticas, quanto ao uso do vídeo, se por um lado foram responsáveis por inovações na universidade, por outro privilegiaram determinados grupos dentro da comunidade acadêmica. Essas posturas administrativas foram responsáveis pelo aumento do número de vídeos institucionais e com características de registro dos momentos vividos nessas gestões. O período estudado na Unicamp mostra que somente há mudanças nesse panorama com o processo de institucionalização e, mesmo assim, se analisarmos o quadro atual, veremos que, infelizmente, o Centro de Comunicação da Unicamp não soube se vincular a projetos de extensão, inseridos na realidade regional, que poderiam garantir maior liberdade na produção dos atuais trabalhos. Atualmente, o CCU produz programas para veiculação no canal a cabo, no campo da saúde e da cultura, que podem ser reprisados várias vezes por semana.

O avanço de tecnologias, como as TVs a cabo, também favoreceram novas concepções sobre o uso do vídeo nas universidades. No final dos anos 90, instituições como a PUC, a UNIT, São Francisco e a própria Unicamp, em Campinas, firmaram um convênio e atualmente veiculam semanalmente programas como Saúde – Mitos & Verdades, Camarins, Artv, Acontece no Campus, Dicas de Leitura dentro da programação do Canal Universitário, no canal 10 da Net. Entre os projetos atuais estão Valvulado (rock da periferia), Hora da História, Homem do Tempo e Ágora, realizados pelo área de produção videográfica do Centro de Comunicação.

A experiência dos canais universitários também se repete em São Paulo, tendo a TV PUC liderado esse processo junto com outras instituições de ensino da Capital. Outra perspectiva ocorreu para as universidades federais, que investiram na montagem de TVs Universitárias espalhadas por diferentes regiões brasileiras.

Nota-se que a programação atual da Unicamp no canal 10 da Net em Campinas não traduz sua experiência histórica no campo do vídeo educativo e científico. Se os anos 80 foram marcados pela competência técnica de uma equipe formada dentro da própria universidade, o que sem dúvida nenhuma garantiu qualidade do ponto de vista de produção, inserção e respeito da comunidade científica, autonomia de trabalho, também foram anos de uma sólida formação e de investimento em pessoal. Os espaços de trabalho eram saudáveis e propiciaram a democratização do vídeo na universidade e uma relação de diálogo entre jornalistas/produtores e cientistas. Por outro lado, foram anos de luta para que a maioria dos programas fosse veiculado dentro e fora da instituição. As sucessivas mudanças de reitores e de diretores desse órgão influenciaram as políticas de uso do vídeo no século XXI.

A Universidade Estadual de Campinas completa trinta e cinco anos de existência e representa o segundo lugar na produção científica brasileira. A experiência do Centro de Comunicação no campo da divulgação científica é pioneira no país e deveria ser retomada como prioridade, servindo de exemplo para as demais instituições de ensino.

A pesquisa, ao ser revista, aponta preocupações atuais sobre a produção de vídeos de divulgação científica dentro das universidades. Em primeiro lugar, as políticas audiovisuais implementadas pelas administrações das universidades naquele período consideraram prioridade a produção de vídeos para “dentro” dos muros das instituições. Logo, tínhamos um público altamente especializado. Em segundo lugar, poucas foram as tentativas de produção atreladas aos projetos de extensão, o que poderia garantir um volume maior na área de divulgação científica. Houve um atrelamento político entre a produção de vídeos e os interesses corporativos. Essas práticas são responsáveis pela estagnação do setor durante os anos 90, pela visão equivocada de que todas as universidades devem ter sua televisão (sem verbas para a produção, sem apoio, sem investimentos em equipamentos) e pela negação da memória e da história do vídeo de divulgação científica nas universidades brasileiras. Outro aspecto foi a ausência de uma política de recursos humanos em detrimento da corrida tecnológica. As equipes técnicas, em muitas instituições, foram esquecidas do ponto de vista das carreiras, do sistema de avaliação para novos enquadramentos e os baixos salários se tornaram tônica até os dias atuais.

A maior central de produção de vídeo educativo e científico entre as universidades está, como nos relembra a história, dentro da segunda maior instituição de pesquisa do país – a Unicamp. Se os anos 80 foram marcados pela criatividade de sua equipe, pela qualidade de sua produção em vídeo e pelo respeito da comunidade científica, neste início de século, novamente com uma nova direção administrativa, esse órgão haverá de repensar o seu papel no cenário nacional, colocando novamente a divulgação científica como objetivo central, desta vez, contudo, dentro da estrutura já consolidada do Canal Universitário de Campinas, criado em 2000. O desafio está na retomada da discussão sobre o vídeo como meio em si e não como mero instrumento tecnológico e na importância da formação de recursos humanos para o campo da divulgação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMES, Roy. *On Video. O significado do vídeo nos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1999.

A produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras

BORTOLIERO, Simone. *Contribuições do Video para a Divulgação Científica*. O video educacional e científico produzido nas Universidades brasileiras. Um estudo de caso: Centro de Comunicação da Unicamp. SBC/Umesp, 1989. 200p. Dissertação de Mestrado.

BUENO, W.C. Jornalismo Científico – conceito e funções. *Ciência e Cultura*, SP, 37(9), 1420-27, set. 1985.

NOVELLI, M.D.(coord); GAMBOA, N.; SOUZA, F.; et ál. Relatório Final de Avaliação dos Projetos Contemplados pelo SIAE/USP, 1999.

PROJETO CENTRO DE COMUNICAÇÃO DA UNICAMP. Campinas/ Unicamp, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.